

JORNALISMO, INFOGRAFIA E LEITURA¹

Ana Elisa RIBEIRO (CEFET-MG)

1. Introdução

Revistas, jornais, programas de TV, livros didáticos e outros materiais de grande circulação na sociedade têm se utilizado, cada vez mais, de textos cuja expressão é uma espécie de mescla entre linguagens, isto é, textos multimodais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Essa “mistura” de semioses é, na maior parte das vezes, planejada e organizada conforme diversos parâmetros de produção textual, para se chegar a tais ou quais efeitos de sentido.

Os livros didáticos, há tempos, usufruem de esquemas, gráficos, quadros, ciclos e toda sorte de imagem que possa favorecer a compreensão da “matéria”. Se em Língua Portuguesa essa multimodalidade se expressa na forma de quadros, *layouts* que organizam seções e ritmos no livro (e na sala de aula!), fac-símiles e ilustrações, em outras disciplinas, os elementos principais são desenhos de ciclos (parasitas, doenças, metamorfoses, etc.), mapas, trajetos ou visualizações modelares de objetos que não podem ser vistos a olho nu (porque sejam muito pequenos ou muito grandes, como, respectivamente, vírus e sistemas solares).

Jornais e revistas de caráter jornalístico vêm empregando gráficos (em sentido amplo) há tempos e cada vez mais amiúde. Os projetos gráficos são os definidores dessa seleção enunciativa multimodal, isto é, a proposta arquitetônica da distribuição da massa de texto e imagem (entre outras possibilidades, a depender da natureza da tecnologia ou do suporte) é que amplia ou reduz o espaço de cada elemento ou, melhor dizendo, define ou baliza as modalidades possíveis ou desejáveis naquele espaço (impresso ou digital).

Há algumas décadas, projetos gráfico-editoriais de jornais brasileiros, por exemplo, vêm optando por reduzir os textos verbais e ampliar o espaço para a imagem,

¹ Trabalho produzido no âmbito da pesquisa de pós-doutoramento “Visualização de informações e letramento multissemiótico. Relações entre leitura e alfabetismo gráfico entre alunos de ensino médio”, em andamento no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob supervisão da profa. Roxane Rojo. Agradeço o apoio do PPG em Estudos de Linguagens e do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG, nos quais atuo.

não apenas mencionando a fotografia ou a ilustração, mas principalmente a infografia². O discurso declarado para essa escolha é o de que imagens são mais fáceis de ler ou, conforme a máxima de Luiz Iria: “A infografia não descreve. Ela mostra!” (em TEIXEIRA, 2010). Variações desse tema são encontráveis em artigos e livros sobre infografia jornalística, para avaliar a ideia de que a modalização que dá mais peso à imagem que à palavra, em muitos casos, é a melhor expressão quando dirigida a públicos que não sabem, não podem ou não querem ler palavras (em geral, o argumento é o de que se produz jornal para públicos urbanos apressados).

Dada a circulação cada vez mais frequente de infográficos em jornais e revistas, que, por sua vez, são objetos de ler de ampla circulação social, optei por trabalhar sobre esse tema. Minha curiosidade foi disparada, no entanto, pela observação de certa fissura entre um discurso que afirma a imagem e a infografia como facilitadoras da compreensão dos textos e um outro, bastante diverso, que afirma que o “letramento visual” precisa ser construído, nem sempre com facilidade, sendo a escola uma de suas mais importantes agências.

2. Visualização, infografia, leitura e escola

A visualização de informações, para Manovich (2011), trata de grandes massas de dados, tornando-os, em tese, mais visíveis e compreensíveis ao leitor, permitindo inclusive a visualização de padrões que não seriam percebidos sem tratamento gráfico. A infografia, embora nem sempre seja produzida com base em grandes massas de dados, mas em narrativas e fatos (TEIXEIRA, 2010), tem a mesma meta, qual seja, a de facilitar a compreensão de eventos por meio da expressão visual ou verbo-visual.

O infográfico é entendido, aqui, como um gênero textual multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 1998; 2006), cujas características verbo-visuais demandam habilidades específicas de leitura e de produção. Da maneira como são considerados no jornalismo, infográficos são produzidos a partir de narrativas, explicações ou movimentos retóricos assemelhados, com o objetivo de *mostrar* um fato, um objeto ou *explicar* um fenômeno. As composições infográficas podem ser narrativas que lembram as histórias em quadrinhos (um assalto a banco, por exemplo), explicações sobre o funcionamento de algo (do sistema digestório, por exemplo) ou a demonstração de dados sobre áreas como

² Ribeiro (2010) apresenta análises dessas mudanças, ao longo da história recente de jornais brasileiros.

mapas (por exemplo, a sobreposição de dados sobre a violência urbana no mapa da cidade, dando a ver os bairros com mais e menos ocorrências ou o tipo de violência prevalente em cada área).

A expressão selecionada pelo produtor do infográfico pode partir de um mapa, o que me leva a considerar que a “alfabetização cartográfica” (PISSINATI; ARCHELA, 2007; ALMEIDA; NOGUEIRA, 2009) seja fundamental, então, para a leitura desses textos. E, ao que tudo indica, esse tipo de “alfabetização” tem ocorrido, ao menos precariamente, na escola. Que origem teria, portanto, o discurso do jornalismo segundo o qual a infografia ajuda o leitor? A facilidade de leitura presumida pela instância produtora dos textos tem fundamento? Quem são os leitores multimodalmente letrados que esses jornais e revistas alcançam?

Segundo Cairo (2008), a visualização tem relação estreita com a cartografia e com a infografia (na origem, *information graphics*), atualmente circulante em jornais e na televisão. Para ele, “(...) a visualização jornalística bebe na fonte da cartografia, na representação estatística, no design gráfico, nas artes plásticas e, nos últimos anos, na animação, no design de interação e multimídia, e inclusive na realidade virtual”³ (CAIRO, 2008, p. 24), isto é, “a infografia jornalística é derivada da visualização de informação em geral, depois de ter sido tratada pelas regras do jornalismo” (CAIRO, 2008, p. 24). Não se trata apenas de desenhar informações de maneira *visual*, mas de uma “disciplina [que se] ocupa de como organizar textos de forma mais efetiva para acelerar a compreensão e a memorização das mensagens” (CAIRO, 2008, p. 27).

Coelho (2004), na mesma direção, aponta que, em épocas passadas, mapas eram reservados a governantes e seus exércitos por serem considerados conhecimento estratégico. Para a autora, esse panorama se modificou muito nos últimos séculos, sendo que, da década de 1990 para cá, a “alfabetização cartográfica” tem se ampliado. O valor simbólico do mapa (especialmente o mundi) pode ser depreendido das fotos de lembrança escolar tiradas de várias gerações de estudantes. Complementando as afirmações dos autores citados, pode-se dizer que talvez os letramentos cartográficos (ou infográficos) possam estar sendo incrementados pela utilização cada vez mais popular de mapas na web, de informes sobre trânsito, em *games* e nas possibilidades de cruzamento de

³ Todas as traduções de Cairo (2008), neste trabalho, são de minha responsabilidade.

informações, como é o caso dos *mashups*⁴ feitos por usuários da internet que conseguem sobrepor aos mapas os dados sobre criminalidade, movimentação nas ruas, entre outros (PISANI; PIOTET, 2010).

Se, de um lado, a produção de gráficos e infográficos circula, reconhecidamente, na esfera jornalística e é acessada pelos leitores, diariamente, por meio dos boletins meteorológicos da TV, das explicações de crimes e de matérias de jornal impresso (e digital), de outro lado, o leitor parece participar de eventos de letramento ligados a essas mídias. Ao experimentar a leitura (ou ao ouvir as explicações dos jornalistas) de gráficos e infográficos, a sociedade se familiariza com representações cartográficas ou gráficas de narrativas, estatísticas e informações. O alfabetismo, no entanto, entendido como o desenvolvimento de habilidades mais individuais (ROJO, 2009), ligado à leitura de gráficos (ou de visualizações em geral), ainda não pode ser considerado de nível elevado no país.

3. Os dois lados da moeda

Há algumas pesquisas nacionais que oferecem informações sobre a quantidade e a qualidade da leitura no Brasil. O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, Inaf, opera com o conceito de “alfabetismo” e produz um tipo de captação de dados junto ao leitor, por meio de instrumentos que se assemelham a testes de leitura. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil tem outro caráter, mais voltado à quantificação da leitura e aos perfis de leitor, com base em questionários. Avaliações massivas como o Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) oferecem resultados bastante confiáveis sobre as habilidades de leitura desenvolvidas (ou não) ao longo da escolarização dos jovens, até as séries terminais de cada etapa. Cada uma dessas pesquisas termina por oferecer dados importantes sobre o leitor, a leitura e os objetos de ler, sendo que o Inaf abrange a população, e não apenas os jovens em idade escolar.

⁴ *Mashups* são “aplicações online resultantes da soma de dois ou mais conteúdos ou serviços que, juntos, oferecem uma nova função para o usuário”. A palavra vem das misturas feitas na música, especialmente a eletrônica. (FELITTI, Guilherme. Mashups: entenda a combinação de conteúdo digital em ascensão na web. *IDG Now!*, 26.5.2007.

Disponível em <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/05/24/idgnoticia.2007-05-24.3179902089/>>. Acessado em 2.11.2010.

A despeito de a esfera jornalística se esforçar por aproximar a visualização de informação do leitor/espectador, a escola, considerada uma forte agência de letramento, não tem feito sua parte no Brasil. Segundo Lopes (2004), o índice de erros e não-respostas a questões do Inaf que demandavam leitura de gráficos chega a mais de 90% em alguns casos (todos os demais resultados também são fracos). É importante frisar, no entanto, que as últimas décadas assistiram não apenas ao incremento das possibilidades de visualização de informações por meio de mídias massivas ou de softwares na web, como também ampliaram fortemente a aproximação do usuário comum com dispositivos de geolocalização, como GPS (*Global Positioning System*), e consultas a serviços de informação que fornecem mapas, trajetos, cálculo de tempo, indicação de meios de transporte, etc. (caso do Google Mapas ou de softwares mais recentes, como o Street View). A disponibilização desses recursos e a transformação do leitor em usuário de mapas ou em colaborador (dando informações, comentando, inserindo *tags*, etc.) pode ser entendida como a emergência de eventos de letramento ligados às tecnologias digitais e à visualização de informação.

Conforme Coelho (2004), as noções de cartografia continuam intimamente ligadas ao trabalho com a geografia nas escolas. A disciplina, no entanto, passa por problemas e não conta, ainda, com uma abordagem que de fato estimule o desenvolvimento de leitores críticos de mapas e representações relacionadas ao espaço. No mesmo sentido, Lopes (2004) aponta dificuldades no ensino de noções estatísticas, incluindo-se aí a leitura e a interpretação de gráficos, tabelas e quadros. Para Coelho (2004), a “habilidade de ler, compreender e interpretar representações gráficas está ligada a um tipo de inteligência humana básica, a espacial”, chamada por Balchin (1978 citado por Coelho, 2004) de “graficacia”, isto é, a “capacidade de comunicar ‘informação espacial que não pode ser transmitida adequadamente através de meios verbais ou numéricos’” (COELHO, 2004, p. 174). Coelho afirma ainda que, segundo os resultados do Inaf, grande parte da população brasileira parece não ter desenvolvido a habilidade de ler, compreender e interpretar mapas e outros tipos de representação gráfica, “provavelmente em decorrência da falta de familiaridade com tais documentos, e creio que é quase certo que também não compreenda sua utilidade para práticas cotidianas” (COELHO, 2004, p. 175). Para a autora, o desenvolvimento dessas habilidades pode inserir o indivíduo no contexto da vida do mundo moderno. O conhecimento de cartografia (e a leitura de mapas) auxiliaria

na formação de imagens, na compreensão de informação em um instante de percepção, na síntese e na memorização.

O número de acertos das questões do Inaf sobe na proporção do aumento da escolaridade, e ter completado o ensino médio parece fazer muita diferença no alfabetismo cartográfico. A pouca intimidade da população com a representação cartográfica, no entanto, intriga Coelho (2004). Para ela, é curioso que

uma proporção tão grande de pessoas tenha tido tanta dificuldade para resolver um problema relacionado à representação espacial, pois a julgar pela veiculação cotidiana, pelos meios de comunicação, de informações sob a forma de mapas, poder-se-ia supor que a sua compreensão fosse amplamente dominada pelo público! Particularmente as emissoras de televisão, que pretendem alcançar o maior número de pessoas, enfim a ‘massa’, parecem supor que os telespectadores não apenas estão familiarizados com a leitura de mapas, mas também dominam o raciocínio geográfico, essencialmente estratégico (...) (COELHO, 2004, p. 177).

Lopes (2004), na mesma direção, aponta a estatística como

um poderoso aliado neste desafio que é transformar a informação tal qual se encontra nos dados analisados que permitem ler e compreender uma realidade. Talvez por isso tenha se tornado uma presença constante no dia-a-dia de qualquer cidadão, fazendo com que haja amplo consenso em torno da idéia necessária da literacia estatística, a qual pode ser entendida como a capacidade para interpretar argumentos estatísticos em textos jornalísticos, notícias e informações de diferentes naturezas” (LOPES, 2004, p. 187).

Para a autora, o acesso do cidadão a questões sociais e econômicas, na atualidade, é cada vez mais precoce, fazendo-se, principalmente, por meio de “tabelas e gráficos [que] sintetizam levantamentos, índices são comparados e analisados para defender idéias” (LOPES, 2004, p. 189). A escola é considerada a agência principal onde se dá a formação de conceitos que estariam diretamente ligados ao exercício da cidadania.

A compreensão de gráficos, no entanto, não é fácil, o que corrobora as preocupações de Cairo (2008), quando trata do ponto de vista do jornalista-infografista. É de suma importância que o leitor tenha condições de atribuir significado às representações. Lopes (2004, p. 189), com base em Curcio (1989), menciona a importância de o leitor alcançar a leitura dos dados, a leitura entre os dados e a leitura

para além dos dados. É importante destacar que os resultados do Inaf, por exemplo, mostram as dificuldades do leitor para alcançar mesmo o primeiro desses estágios.

Meira e Pinheiro (2007) dedicam-se ao estudo do que chamam de “*street mathematics*”, mas, principalmente, focalizam o leitor, a instância da produção de sentidos na leitura. Os pesquisadores se aprofundam nos “sentidos que se faz de gráficos em práticas de produção e leitura de textos noticiosos em jornais e revistas” (p. 100), reforçando a observação de que a circulação desses textos é quase ubíqua e, ainda assim, os resultados de leitura são desanimadores.

Meira e Pinheiro (2007) oferecem exemplos de leituras erradas⁵ de gráficos e comentam a formulação multimodal dos textos na mídia. Segundo os autores, “os gráficos parecem funcionar na mídia impressa como suporte a um discurso argumentativo que pretende enfatizar relações quantitativas entre variáveis, mostrar tendências de comportamento e oferecer previsões”. Para que o leitor os compreenda, seria necessário “entender suas relações [dos gráficos] com o argumento construído na notícia impressa”, o que “pode requerer do leitor experiências prévias com representações de quantidades, estimativas, narrativas, atributos visuais de formas, reconhecimento de padrões, etc.” (p. 102). E essas são habilidades que nem sempre foram desenvolvidas.

2. Para concluir, por enquanto

A interação entre as tecnologias de visualização de informações e os letramentos/alfabetismo do leitor brasileiro é o tema deste trabalho. Entre essas tecnologias está a produção de infográficos, caracterizados como um tipo de expressão narrativa ou explicativa para fatos jornalísticos (TEIXEIRA, 2011). A circulação desses textos é cada vez mais defendida e adotada na esfera jornalística, sob o argumento de que propicia facilidade de leitura.

O que faço aqui é um breve contraponto entre o discurso que projeta positivamente a visualização de informação/infografia e dados oficiais sobre habilidades de leitura de textos gráficos no Brasil. Constatada a fenda entre um e outro, conclui-se pela necessidade de pesquisas que integrem os dois aspectos da produção de sentidos. É fundamental, também, a aplicação desses conhecimentos à produção jornalística e ao

⁵ Para uma boa explicação sobre a existência da leitura errada, ver, com gosto, Possenti (2004).

ensino de leitura no país. A leitura de representações visuais é fundamental não apenas para a obtenção de informações, mas também para que se possa tomar decisões mais conscientes e cidadãs.

Com base em um breve sobrevoo na literatura sobre infografia e sobre o ensino da leitura de textos visuais em Geografia e outras ciências, considera-se a existência de um intervalo, em princípio indesejável, entre os esforços da produção de infográficos (e outras formas de visualização da informação) e a ampliação dos letramentos do leitor. O impacto dessa discrepância tem aumentado em razão de as técnicas de visualização terem cada vez mais circulação social, especialmente por meio da produção jornalística, tanto impressa quanto na web ou na TV. Apesar da circulação social ampla, em diversas plataformas, o letramento visual do público a que se destinam essas produções ainda não pode ser afirmado como suficiente para a leitura competente desses textos.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *INAF Brasil 2009*. Indicador de Alfabetismo Funcional. Principais resultados. São Paulo: Ação Educativa/Instituto Paulo Montenegro, 2009. Disponível em <http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf>. Acesso em 27.09.2010.

ALMEIDA, Luciana C. de; NOGUEIRA, Ruth E. Iniciando a alfabetização cartográfica. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, ano 6, n. 7, p. 1-9, jul. 2009.

CAIRO, Alberto. *Infografia 2.0*. Visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamut, 2008.

COELHO, Ana Maria S. Habilidades matemáticas, leitura de mapas e ensino-aprendizagem de geografia na escola. In: FONSECA, Maria da C. F. Reis (Org.). *Letramento no Brasil*. Habilidades matemáticas. São Paulo: Global/Ação Educativa/Instituto Paulo Montenegro, 2004. p. 173-186.

FONSECA, Maria da C. F. Reis (Org.). *Letramento no Brasil*. Habilidades matemáticas. São Paulo: Global/Ação Educativa/Instituto Paulo Montenegro, 2004.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter. (Eds.) *Approaches to media discourse*. Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.

KRESS; Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images*. The grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LOPES, Celi A. Espasandin. Literacia estatística e INAF 2002. In: FONSECA, Maria da C. F. Reis (Org.). *Letramento no Brasil*. Habilidades matemáticas. São Paulo: Global/Ação Educativa/Instituto Paulo Montenegro, 2004. p. 187-200.

MANOVICH, Lev. O que é visualização? Trad. Ana Elisa Ribeiro, Francis Arthuso Paiva e Vinícius Martins Rocha. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 8, n. 1, p. 146-171, jan./jun. 2011.

MEIRA, Luciano Lemos; PINHEIRO, Marina Assis. Produção de sentidos no uso que se faz de gráficos. *Estudos de Psicologia*, v. 12, n. 2, p. 99-107, 2007.

PISANI, Francis; PIOTET, Dominique. *Como a web transforma o mundo*. A alquimia das multidões. Trad. Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PISSINATI, Mariza C.; ARCHELA, Rosely Sampaio. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. *Geografia*, v. 16, n. 1, p. 169-195, jan./jun. 2007.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). *Estado de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras do Brasil)

RIBEIRO, Ana Elisa. Discursos sobre leitura e interatividade em reformas gráfico-editoriais de jornais impressos em tempos de tecnologias digitais. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Ano VII, n. 1, p. 110-122, janeiro a junho de 2010.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TEIXEIRA, Tattiana. *Infografia & Jornalismo*. Conceitos, análises e perspectivas. Salvador: UFBA, 2010.